



Edições Vercial

Vórtice

José Leon Machado

Vórtice

ROMANCE

José Leon Machado

Edições Vercial

Mais perto, eu vi, Senhor, um tubo negro
ruir, vergado ao vórtice, que ruga,
nas fendas do baixel, que se retorce,
nos braços da tormenta, em luta insana.

Camilo Castelo Branco, *Um Livro*

I

O Dr. Leonel Martins, sempre que tinha uma folga, ia dar uma volta numa avioneta do aeroclube a que pertencia. O dia mostrava-se instável e, apesar de os funcionários o aconselharem a não descolar, ele acabou por fazê-lo. Uma tempestade repentina de junho, com trovoadas, vento forte e chuva, apanhou-o no voo. A avioneta ficou envolvida na tempestade e foi empurrada pelo vento em direção a uma mata, indo despenhar-se entre carvalhos. O piloto conseguiu sobreviver com alguns arranhões na testa e nos braços. Devido talvez à chuva intensa, a aeronave não incendiou. Os carvalhos eram de pouca altura e a folhagem e os ramos flexíveis ampararam a queda.

O piloto mirou-se a ver se não tinha nada partido e tentou contactar pelo rádio a torre de controlo. Ouviu apenas o estralejar da falta de conexão. Atribuiu isso ao facto de o rádio se ter avariado na queda, ou, menos provável, de a antena não ter capacidade suficiente para transmitir ali no meio da mata. Lembrou-se então do telemóvel. No mostrador leu: sem rede. Não podia a partir dali ligar para o aeroclube, para casa ou para algum colega e pedir socorro. Abriu a portinhola do coquepite e, com um salto, saiu do aparelho. Decidiu afastar-se a procurar rede. A chuva continuava a cair com intensidade. O mato era denso, dificultando-lhe o avanço. Avistou umas fragas próximas e, com algum esforço, conseguiu

trepar para elas. Com a água a escorrer-lhe pelo rosto, olhou à sua volta. Encontrava-se numa vasta floresta que descia até a um vale. Devido à chuva, era impossível identificar o local. Olhou de novo para o mostrador do telemóvel e constatou que continuava sem rede.

Decidiu voltar ao avião e ali esperar que a chuva passasse. Talvez entretanto conseguisse contacto por rádio e o aeroclube lhe enviasse socorro. Considerou que, enquanto não passasse a tempestade, ninguém se atreveria a ir resgatá-lo. Instalou-se no interior da avioneta, despiu o casaco, a camisa e as calças, e descalçou as botas e as meias. Ficou em cuecas e com a camisola interior apenas. Limpou a cabeça e o rosto com a toalha. Estava ensanguentada. Procurou a caixa dos primeiros socorros, embebeu um pedaço de algodão em álcool e desinfetou os arranhões da testa e dos braços. Depois sarapintou-os com betadine.

Felizmente tinha levado consigo o saco com o fato de treino e as sapatilhas que costumava usar depois do passeio aéreo na sessão de *squash*. Com isto se vestiu e calçou. Comeu um chocolate e bebeu um pouco da garrafa de água. Àquela hora deveria estar a jogar *squash* com o Antunes. Deve ter estranhado não ter aparecido.

Olhou a chuva que continuava a cair e pensou na sua vida.

Leonel era médico no hospital da cidade e tinha consultório de clínica geral. O aeroclube era uma forma de escapar à pressão, aí investindo

energias e aspirações. Por outro lado, embora a cidade onde vivia fosse pequena, não deixava de impor aos seus habitantes a correria stressante do dia a dia, com as filas de carros às horas de ponta, os telefones a tinir constantemente e as refeições tomadas à pressa. Era no ar que ele se sentia bem. Ao pilotar o pequeno *Cessna*, libertava-se do ramerrão dos dias no hospital a diagnosticar gripes, amigdalites e enterites e a receitar aspirinas.

Desde a infância que ele tinha a paixão dos aviões. O seu grande desejo era vir a ser piloto. Mas a vida, que trai expectativas, trocou-lhe as voltas. No exame de admissão à Força Aérea não foi admitido. Passara a todos os testes, menos ao último, que era o da junta médica. Um dos médicos, sentado atrás de uma secretária com vários galões sobre o ombro, disse-lhe que tinha uma hérnia na perna direita. O Leonel negou categoricamente.

– Então – disse-lhe o militar –, terá de provar que não tem e voltar a concorrer no próximo ano.

Percebeu que era uma forma subtil de o eliminarem para dar o lugar na academia ao filho de algum oficial superior. Mandou a instituição militar à merda e concorreu à universidade. Naquele tempo, as notas ainda não eram muito altas e foi admitido ao curso de Medicina da Universidade do Porto. Terminado o curso e o estágio, conseguiu vaga num hospital de província. Ouviu falar do aeroclube, fez-se sócio e aprendeu a pilotar.

Tinha-se divorciado há dois anos. A esposa, também médica, acabou por abandoná-lo. Quando ainda estavam juntos, a Vânia dizia-lhe que o mais importante para ele eram os aviões e haveriam de ser estes a separá-los. Mas o Leonel achava que os aviões nada tinham a ver com os conflitos do casal. A principal razão é que ela detestava medíocres. E o Leonel, aos olhos da esposa, não passa disso mesmo. Soubera recentemente que andava a meter em casa um cirurgião conhecido, chefe de serviço no hospital. Não era certamente um medíocre.

Quase todos os dias se cruzavam no hospital. Cumprimentavam-se cordialmente, ele perguntava pelas pequenas, trocavam uma ou outra palavra caso fosse necessário combinar alguma coisa ou tomar alguma decisão acerca delas, e cada um ia para o seu serviço. O Leonel ficava normalmente nas urgências, o pior lugar para um médico, a Vânia ia para a pediatria, especialidade almejada por muitos, pouco trabalhosa e de muito prestígio. Ela, quando tinham terminado o curso, entusiasmou-o a concorrer a uma especialidade. Ortopedia, talvez, ou urologia. Havia cada vez mais gente com problemas de ossos e os cancros da próstata estavam em franco crescimento. Em qualquer uma dessas especialidades seria bem sucedido. Mas ele estava farto de estudar. Não queria passar os melhores anos da vida a decorar manuais de Medicina. E contentou-se com a Medicina Geral, um lugar efetivo no hospital de província e uma dúzia de clientes no consultório.

Depois do divórcio, alugou um pequeno apartamento. Uma ucraniana ia lá duas vezes por semana fazer limpezas e meter-lhe a roupa na máquina de lavar. Era bonita, mas ele não queria problemas com o marido, que trabalhava numa vacaria e, quando exagerava no *vodka*, tinha fama de violento. Raramente se cruzavam no apartamento. No final do mês, ele deixava-lhe o cheque na mesinha do telefone.

Ultimamente, tivera um caso com uma enfermeira novata que trabalhava no hospital. Não era lá muito bonita, mas tinha umas boas mamas e um belo traseiro. Ela terá pensado que, se fizesse olhinhos a algum médico, talvez conseguisse um contrato a termo incerto. Bem enganada estava. O Leonel não tinha qualquer poder no hospital e nem ao porteiro conseguiria convencer a fazer-lhe um favor. De qualquer forma, aproveitou a magnanimidade da rapariga e levou-a algumas noites até ao apartamento. A enfermeira acabou por ser contratada sem que ele tivesse mexido uma palha. Méritos próprios certamente. Quando isso aconteceu, ela deixou de lhe atender o telemóvel e, no serviço, tratava-o o mais profissionalmente possível.

Com quarenta anos, Leonel estava numa fase em que não acreditava no amor e, não fosse a necessidade natural de satisfazer a carne, há muito que teria deixado de pensar em mulheres. Considerava isso uma perda de tempo e de energias. Além de, muitas vezes, ser uma fonte de dissabores.

A noite caiu e a chuva foi diminuindo até parar. Como não podia sair dali na escuridão, estendeu as costas do banco para trás e acabou por adormecer. Acordou na manhã seguinte com o chilreio dos pardais nas árvores à volta. Lembrava-se vagamente do que sonhara. Despenhara-se num bosque, algures no futuro. A avioneta foi rapidamente rodeada por indivíduos com roupas prateadas, capacete de cosmonauta e armados com pistolas de raios. Mandaram-no sair e escoltaram-no num estranho veículo sem rodas que pairava a vinte e três centímetros e meio do chão até uma cidade em que os edifícios eram feitos de vidro e se via o que as pessoas faziam lá dentro. Levaram-no a uma sala de audiências de um tribunal e apresentaram-no a três indivíduos sentados ao fundo, que lhe fizeram umas quantas perguntas a que ele não soube responder porque não percebia nada do que diziam. O do lado direito, com um bigode à Hitler, levantou-se da cadeira e falou aos gritos com gestos histriónicos. O do meio premiu depois um botão e ele viu-se a ser sugado pelo chão ao longo de um tubo, indo cair numa prisão escura com um ecrã ao fundo. Era uma espécie de televisor. Sentou-se na única cadeira que ali encontrou e viu passar imagens de si próprio em criança, dos pais, dos irmãos, dos avós, dos amigos na escola, na universidade, do namoro com a Vânia, do nascimento das filhas, dos aniversários, da primeira comunhão, das férias que passaram juntos no Algarve. As imagens desvaneceram-se

com um gás amarelo que invadiu a prisão e ele adormeceu profundamente.

Embora o céu tivesse algumas nuvens, o Sol fazia-se sentir e era bem provável que não voltasse a chover. Leonel desceu da carcaça do *Cessna* e analisou os estragos. Uma das asas estava bastante danificada. A hélice parecia intacta. Isto animou-o um pouco. A reparação do aparelho seria fácil e a despesa relativamente pequena. O aeroclube comprara-o há dois anos em segunda mão e tinha custado quase trezentos e cinquenta mil euros, o equivalente a sete automóveis Mercedes classe C. O problema agora era tirar dali o pequeno avião. Seriam necessários dois helicópteros com cabos de aço, uma vez que por terra, devido ao arvoredo, era impossível. A não ser que se fizesse ali uma clareira, se consertasse a asa no local e se descolasse dali o aparelho, opção demasiado trabalhosa e economicamente pouco viável.

Entrou de novo no avião e tentou o contacto via rádio. A resposta ao chamamento foi o estralejar do dia anterior. O telemóvel continuava sem rede. Vasculhou debaixo do assento e encontrou um mapa. Pegou nos óculos guardados num estojo dentro do saco e saiu. Subiu novamente até às fragas e olhou à sua volta. Estava realmente no meio de uma floresta de carvalhos e de pinheiros, destacando-se ao fundo o vale atravessado por um rio. Devido à melhoria de visibilidade, descobriu uma ponte sobre o rio que dava acesso a uma povoação com a torre de um castelo no centro. Nas margens do rio, estendiam-

se campos agrícolas com pequenos pontos quadrados que seriam certamente habitações. Olhou o céu para ver se detetava algum avião ou helicóptero que pudesse andar à sua procura. Era uma esperança ridícula. Se houvesse algum, já o teria ouvido.

Embora o relevo do terreno lhe parecesse vagamente familiar, não fazia a mínima ideia de onde estava. Abriu o mapa que encontrara no avião, sentou-se no granito da fraga e estendeu-o nos joelhos. Olhou à volta a procurar referências e depois fixou os olhos no mapa. A única, aparente, correspondência que via era no relevo. Parecia estar num ponto que no mapa apontava para um lugar alto numa pequena floresta. Mas tudo à volta em nada correspondia ao que estava desenhado no mapa. A floresta era imensa e não via qualquer estrada ali perto. Reconheceu, porém, que nunca tinha sido bom em ler mapas e o mais provável era a tempestade ter lançado a avioneta para um lugar que ele nunca tinha sobrevoado, bastante longe do local de descolagem. Mesmo assim, não compreendia como, em tão pouco tempo, poderia ter ido cair a um lugar que lhe era totalmente desconhecido. Nas muitas horas de voo que ao longo de quase dez anos tinha acumulado, conhecia praticamente todos os acidentes do terreno num raio de cinquenta quilómetros, e era preciso ter sido uma tempestade muito forte para o lançar para um sítio fora desse perímetro. Tanto mais que ele, quando o incidente aconteceu, estava a voar há menos de dez minutos e isso não era

tempo suficiente para percorrer mais de cinquenta quilómetros. Lembrava-se até de ter visto, poucos momentos antes de a tempestade ter começado e ele perder o controlo do leme, a cidade por baixo de si. Por outro lado, depois de aterrar nas árvores, vira que o mostrador da quilometragem não marcava mais do que dez quilómetros. Como podia ele ter voado tão pouco e ir parar a um local que não conseguia identificar?

Enquanto dobrava o mapa, detetou fumo não muito longe dali. Ficou mais animado. Havia gente perto e poderia ir pedir ajuda. Quando se preparava para descer, sentiu um restolhar entre o mato próximo. Teria sido um coelho? Decidiu voltar à avioneta, recolher o saco e tentar descer até ao ponto onde viu o fumo. Decidiu levar consigo o estojo de primeiros socorros, não fosse arranhar-se de novo ou torcer um pé. Para atravessar o matagal e afastar os espinhos, serviu-se da raquete de *squash*.

II

Bernaldo, o carvoeiro, levantou-se da palha que lhe serviu de enxerga para passar a noite e saiu da cabana com o rafeiro atrás. O Sol ainda estava escondido do outro lado do monte, mas já havia claridade. Tinha parado de chover. A vegetação estava húmida e seria o cabo dos trabalhos preparar a lenha e o sargaço para fazer mais uma arroba de carvão. Tirou a mula da cabana e deixou-o a rapar a erva que por ali havia. Do alforge retirou um pedaço de pão, cortou com a navalha um canto que atirou ao cão. Este cheirou-o com desagrado, mas, porque não haveria mais nada, acabou por começar a rilhá-lo. O carvoeiro chapejou a cara com a água que tinha caído numa gamela que deixara à porta. Coçou a cabeça e as virilhas. Os piolhos e as pulgas, ainda que estivessem habituados à convivência, eram mais incomodativos durante a manhã.

Na tarde do dia anterior tivera de interromper o trabalho. A chuva encharcara a borralheira, o buraco onde fazia o carvão, e estragou-lhe a safra. Teve de fugir da chuva e refugiar-se na cabana com a mula e o cão. Foi na corrida que ouviu um roncar que vinha do céu, diferente dos trovões, pois era contínuo. Olhou para cima e, entre a chuva, viu um estranho objeto parecido com um pássaro gigante que foi poisar entre as árvores a duas milhas dali. O carvoeiro, que era um homem simples, sensato mas nem por isso menos

imaginativo, pensou que vira um dragão. De início ficou sobressaltado, pois um dragão era um monstro que ninguém gostaria de ter por perto, e pediu o auxílio de São Jorge, algoz dessas bestas feras. Mas como choveu praticamente toda a noite, acabou por descontrair. Dificilmente um dragão atacaria com as goelas molhadas. Seria difícil, se não mesmo impossível, pôr-se a vomitar lume com aquela chuva.

Pela manhã, olhou o céu com alguma desconfiança. Lembrar-se-á o dragão de atacar em pleno dia? Ele conhecia casos, gente que contava que conheceu alguém que disse que o avô tinha visto um dragão. A verdade é que o carvoeiro sempre achara que tudo isso não passava de fábulas para entreter as crianças à lareira. Frei Bartolomeu disse-lhe um dia que era pecado contra o primeiro mandamento acreditar nessas tontices. Mas o que é certo é que ontem ele vira um dragão, ou o Demo por ele, a resfolegar no céu e a poisar não muito longe dali, onde teria certamente uma caverna em que se escondia. Podia ser uma visão engendrada pelo demónio para assim o tentar, como aconteceu a Cristo uma vez, quando aquele o levava acima de um monte. Mas não era, pois o cão e a mula também o viram. O cão ladrou e a mula olhou para o céu com aquele ar sério e inteligente, como se estivesse a pensar que raio seria aquilo.

A chuva, naquela altura do ano, era sempre um aborrecimento. Tombava o trigo e o centeio nos campos, fazendo apodrecer a palha e o cereal, dava cabo das cerejas e das ameixas e estragava-

lhe o negócio do carvão. Para fazer carvão, precisava de lenha, das raízes do sargaço e de um buraco enxuto para o fogo. Ficara de levar três arrobas ao convento franciscano antes da noite de São João. O dia aproximava-se e ainda lhe faltava mais de uma arroba. Parece que os frades queriam preparar uns petiscos em honra do santo e sem carvão lá teriam de se amañhar com outra coisa. Mas ele não queria deixar ficar mal o convento. Seria o descrédito do seu ofício e da sua pessoa e, sabe-se lá, os frades podiam até querer dispensar os seus serviços e contratar outro carvoeiro, o que não era nada bom, pois ele precisava das moedas para sustentar a família. Em vinte e três anos de mister, nunca deixara ficar mal o convento. E não seria agora, por uma chuvada ou o medo a um dragão molhado, que iria fazê-lo. Não haveria nenhum dragão do mundo que o fizesse arredar pé enquanto não tivesse arranjado o carvão suficiente. Por outro lado, se a besta aparecesse, até podia ser que lhe desse uma ajudinha a queimar a lenha. O ecónomo do convento dissera-lhe, há alguns dias atrás, que o carvão era indispensável. Teriam visitas pelo São João e queriam oferecer-lhes uma sardinhada. Como vinham do mosteiro de Matosinhos, eles próprios se comprometeram a trazer as sardinhas, salgadas, claro está, pois de outro modo não aguentariam o caminho de dois ou três dias por montes e vales. Talvez que, se ele se despachasse, até pudesse vir a ganhar meia dúzia delas para levar à mulher e aos filhos.

Mas não podia estar ali a olhar para a borralheira encharcada sem fazer nada. Foi buscar a gamela e retirou-lhe a água. Recobriu-a ligeiramente com terra barrenta que ali tinha num montículo mais ou menos enxuta e começou a carregá-la com a lenha que tinha cortado na véspera e algum sargaço. Foi depois à cabana buscar um braçado de palha que lhe tinha servido de cama e introduziu-a nos interstícios da lenha. Fez fogo com as duas pequenas pedras que chocou uma na outra e bufou na palha até se erguer uma chama. Demorou algum tempo até que a lenha começasse a arder. Esta, devido à humidade, libertou um fumo preto. Mas com uma atenção redobrada e à custa de grande parte da palha que tinha na cabana, acabou por fazer uma bela fogueira. Satisfeito com o resultado, pegou no machado e pôs-se a cortar em canhotas os troncos de carvalho que se amontoavam ali perto.

Enquanto manobrava o machado em pancadas certas, pôs-se a pensar na vida. Os vizinhos não percebiam por que andava ele naquela lide de carvoeiro. Além das terras do irmão, ausente em Lisboa, mantinha uma horta aprazada junto às muralhas da vila onde podia semear e plantar o que precisasse para manter a família. Passava dias sozinho no meio do monte a fazer aquele trabalho duro e sujo, sujeito às intempéries e ao azar de ser atacado por lobos, bandidos, ou até dragões. Comia mal, falava sozinho. Mas o carvoeiro entendia que assim era a vontade de Deus. Foi à nascença dada a todos uma

função neste mundo e era dever de cada um cumpri-la o melhor que podia e sabia. A dele era de transformar madeira e sargaço em carvão. Honrava-se muito do que fazia. Já o seu pai e o seu avô tinham sido carvoeiros e trabalharam para os fidalgos, os clérigos e os frades da vila. Além disso, embora o trabalho fosse duro e não gozasse das comodidades caseiras, gostava do isolamento.

Frei Bartolomeu disse-lhe que ele tinha vocação de eremita. Bernaldo perguntou-lhe o que isso era. O frade explicou-se. E nesse sentido, ele era um eremita, embora, na verdade, não tivesse muito jeito para falar com Deus. Recitava as orações ao deitar e ao levantar e pedia-lhe auxílio. Mas isso era dever de qualquer cristão. E foi então que se lembrou de que, quando no dia anterior o dragão cruzou o céu, se esquecera de se benzer e nem pronunciara o santo nome de Deus ou da Virgem, sua mãe. Ao levantar muito menos. Poisou o machado, deitou os olhos ao chão e, com as mãos em prece, recitou o padre-nosso e três avé-marias. O ámen final fez a mula interromper o retoíço.

Sentia-se bem na mata, na companhia do cão e da mula, por esta ordem. A mulher, quando ele regressava a casa, perguntava-lhe se não sentira a falta dela e dos filhos. Bernaldo dizia que sim. Era o facto de passar vários dias fora de casa que depois fazia com que a falta da família fosse maior e voltava com mais alegria de ver a mulher, comer-lhe as sopas e os assados, brincar com as crianças e conversar com os filhos mais crescidos. Cremilde,

a mais velha, estava na idade de arranjar marido. Isso andava-o a preocupar. Os marmanjos rondavam-lhe a porta, mas nenhum se atrevia a pedi-la em casamento, pois a moça não tinha dote. E era isso que o fazia trabalhar mais, para juntar as moedas necessárias. Qualquer dia aparecia a rapariga prenhe e seria uma desgraça, pois na certa nunca mais arranjaría marido. Ele bem recomendava à mulher para a vigiar dia e noite. Mas a moça era um bocado alevantada e gostava de contrariar a mãe. Um dia descobriram que ela aprendera a ler. Quis dar-lhe uma tarefa com a corda de prender a mula, mas Tareja, a mãe, não deixou. Onde já se viu uma mulher saber ler! Isso são coisas de frades e de clérigos. Aprendesse a fiar e a tecer, que era bem mais útil. Mas ela, para o arreliar, disse-lhe que disso já sabia de sobejo. E tinha razão, o diabo da rapariga. Sabia fiar e tecer bem melhor do que a mãe.

Tinha a boda mais ou menos apalavrada com o filho do tanoeiro. Além do consentimento de Cremilde, que ainda se decidira se sim ou se não, faltava o mais importante: o dote. O tanoeiro disse que sem dote não haveria casório. E de nada serviu o carvoeiro gabar a beleza, a dedicação e as habilidades da filha nas lides domésticas. O tanoeiro devia ter costela de marrano.

Haveria de pedir conselho a Frei Bartolomeu. Talvez ele arranjasse modo de lha meter num convento. Era uma maneira de a ter segura. Mas mesmo para aí entrar, tanto quanto sabia, precisava de um dote. E as freiras eram bem mais exigentes

do que um noivo. Para aceitarem a filha de alguém, exigiam um campo, uma vinha, um lameiro, ou um saco bem cheio de moedas.

Um dia passou um forasteiro na vila a pedir homens para Lisboa. Parece que el-rei pagava bem a quem quisesse ir para África trabalhar. Num ano ganhava-se mais do que em dez anos ali enfiado na vila e podia-se até enriquecer se se tivesse a sorte de participar numa pilhagem. O forasteiro contratou só gente qualificada: pedreiros, carpinteiros, marceneiros, cordoeiros, tanoeiros, ferreiros e calafates. Alguns ofereceram-se. O seu irmão Reginaldo foi um deles. O carvoeiro, mais por curiosidade do que por outra coisa, chegou-se ao homem e perguntou-lhe se não precisavam de carvoeiros. Ele disse que não. Os navios levavam o carvão já feito.

De súbito o cão começou a ladrar e Bernaldo viu aproximar-se um homem vestido de um modo muito estranho.

(Continua)

Título: *Vórtice*

© Copyright José Leon Machado

Ilustração da capa: Susana Lima

Todos os direitos reservados

Edições Vercial, Braga, 2012

ISBN: 978-989-700-172-7

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/evercial>
